

KATE EBERLEN

O primeiro dia  
do resto da nossa

# Vida



*"Um livro adorável, romântico, engraçado  
e muito inteligente."* – Daily Mail



O primeiro dia  
do resto da nossa  
Vida



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

KATE EBERLEN

O primeiro dia  
do resto da nossa

# Vida



ARQUEIRO

# PARTE 1

## CAPÍTULO 1

Agosto de 1997

Tess

**N**a cozinha lá de casa havia um prato pintado à mão que minha mãe tinha comprado durante umas férias em Tenerife. Ele continha os dizeres: *Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*

Eu nunca tinha dado atenção àquilo mais do que ao troféu do meu pai que ficava no canto da sala ou ao globo de neve de Nova York que meu irmão Kevin havia nos mandado num Natal, mas, no último dia de férias, não conseguia tirar aquela frase da minha cabeça.

Quando acordei, o interior da barraca estava brilhando, alaranjado como uma lanterna de abóbora. Abri o zíper da porta com cuidado para não acordar Doll e pus a cabeça para fora, em direção à luz ofuscante do dia. O ar ainda estava fresquinho e era possível ouvir o tilintar dos sinos ao longe. Anotei a palavra “plangente” no meu diário com um asterisco do lado para me lembrar de checá-la no dicionário quando chegasse em casa.

Dali do acampamento, a vista de Florença, repleta de abóbadas em terracota e torres de marfim branco que brilhavam contra o céu azul límpido, era tão perfeita que tive uma estranha sensação de melancolia, como se eu já estivesse com saudade de tudo aquilo.

Havia muitas coisas das quais eu não sentiria falta, como dormir no chão – depois de algumas horas, parece que as pedras estão penetrando nas suas costas –, trocar de roupa em um espaço com menos de 1 metro de altura ou caminhar até o banheiro e lembrar que esqueci o papel higiênico na barraca. Quando as férias chegam ao fim, é engraçado como parte da gente quer que elas nunca acabem e parte mal pode esperar para pôr os pés em casa.

Fazia um mês que estávamos viajando de trem de um país para outro. Descemos pela França e entramos na Itália, dormindo em estações de trem,

tomando cerveja com holandeses nos acampamentos, ganhando queimaduras do sol em trens lentos e pegajosos. Doll curtia praias e coquetéis; eu preferia mapas e monumentos, mas nos demos bem como sempre, desde que nos conhecemos no primeiro dia na St. Cuthbert, aos 4 anos, e Maria Dolores O'Neill – fui eu que abreviei o nome dela para Doll – perguntou: “Quer ser minha melhor amiga?”

Éramos diferentes, mas combinávamos. Toda vez que eu dizia isso, Doll falava “Sim, sua bolsa fica ótima com meu vestido” ou “Seus brincos ficam perfeitos com minha pulseira” e, quando eu dizia que não era a isso que me referia, ela ria e dizia que sabia do que eu estava falando, mas eu nunca tinha certeza. A gente cria uma forma especial de se comunicar com as pessoas mais próximas, não é?

As lembranças que tenho dos outros lugares que visitamos naquelas férias são como cartões-postais: o anfiteatro iluminado de Verona contra o céu escuríssimo; a baía azul de Nápoles; as cores inesperadamente vibrantes do teto da Capela Sistina, mas... do último e despreocupado dia que passamos em Florença, às vésperas de minha vida mudar, consigo me lembrar com detalhes, quase minuto a minuto.

Doll sempre levava muito mais tempo do que eu para se arrumar de manhã porque nunca saía sem maquiagem completa, mesmo naquela época. Já eu gostava de passar algum um tempo sozinha, especialmente naquele dia, quando receberia os resultados das minhas provas e queria me preparar para saber se tinha alcançado a nota para entrar na universidade.

No caminho para o acampamento, na noite anterior, eu havia reparado na fachada iluminada de uma igreja bem no alto da estrada, bela e dissonante como uma caixinha de joias em uma floresta. À luz do dia, a basílica era bem maior do que eu imaginara e, à medida que eu subia os enormes degraus da escadaria barroca na direção dela, me dei conta de que aquele seria o lugar perfeito para um casamento – o que era estranho vindo de mim, já que eu nunca tinha namorado de verdade até então, e muito menos me imaginado em um longo vestido branco.

Do terraço da igreja, a vista era tão deslumbrante que fiquei com uma vontade incontrolável de chorar enquanto prometia solenemente a mim mesma – como a gente costuma fazer aos 18 anos – que, um dia, eu voltaria ali.

Não havia mais nada nem ninguém em volta, exceto a porta pesada de madeira da igreja, que se abriu quando a empurrei. Estava tão escuro lá dentro, em contraponto com a claridade do lado de fora, que meus olhos precisaram de um tempo para se ajustarem ao breu. O interior era mais frio e com um cheiro típico de igreja, poeira misturada com incenso. Sozinha na casa de Deus, eu tinha total consciência do barulho que faziam meus chinelos enquanto eu subia os degraus até o púlpito. Eu estava olhando para o rosto gigantesco e impassível de Jesus, rezando para que minhas notas fossem boas, quando, de repente, a abside se encheu magicamente de luz.

Quando me virei, fiquei surpresa ao deparar com um cara magricela, mais ou menos da minha idade, parado ao lado de uma caixa presa na parede em que era possível inserir uma moeda para acender as luzes. O cabelo castanho e úmido estava jogado para trás e ele usava uma roupa ainda mais inadequada do que a minha: bermuda de corrida, regata e tênis. Houve um instante em que poderíamos ter sorrido um para o outro, ou até mesmo dito alguma coisa, mas o perdemos quando nós dois, de propósito, voltamos nossa atenção para a abóbada enorme de mosaico dourado e a luz se apagou outra vez fazendo um barulho alto, de forma tão decisiva e inesperada quanto quando tinha acendido.

Dei uma olhada para meu relógio, como que para dar a entender que eu gostaria de apreciar com mais calma aquela imagem icônica, quem sabe até contribuir com meu próprio minuto de eletricidade, se eu já não estivesse atrasada. Enquanto me aproximava da porta, ouvi o barulho de novo e, olhando para cima, para os traços solenes e iluminados de Cristo, senti como se o tivesse decepcionado.



Doll já estava pronta e maquiada quando voltei ao acampamento.

– Como era? – perguntou ela.

– Bizantina, eu acho – respondi.

– Isso é bom?

– É lindo.

Depois de uns *cappuccinos* e pãezinhos com recheio de creme – é im-

pressionante como até mesmo as lanchonetes dos acampamentos são maravilhosas na Itália –, arrumamos as malas e decidimos ir direto para o correio central, onde eu poderia fazer uma ligação internacional e saber logo as minhas notas. Mesmo que a notícia fosse ruim, eu queria ouvi-la. O que não aguentava mais era a incerteza de não saber o que o futuro me reservava. Caminhamos até o *centro storico* enquanto eu tagarelava sobre tudo, menos sobre o assunto que estava me preocupando.

Quando liguei para casa, o medo era tão ensurdecedor que me senti como se tivesse desaprendido a falar.

Minha mãe atendeu após um toque.

– Hope vai ler os resultados para você – disse ela.

– Mãe! – reclamei.

Mas era tarde demais. Minha irmãzinha Hope já estava na linha.

– Ler os resultados para você – repetiu ela.

– Então leia.

– A, B, C... – disse devagar, como se estivesse treinando o alfabeto.

– Isso não é maravilhoso? – perguntou minha mãe.

– O quê?

– Você tirou A em inglês, B em história da arte e C em religião e filosofia.

– É sério?

Tinham me oferecido uma vaga na University College London com a condição de que eu tirasse dois Bs e um C, então era mais do que eu precisava.

Pus a cabeça para fora do orelhão e fiz um sinal de positivo para Doll.

Do outro lado da linha, minha mãe estava festejando, depois Hope se juntou a ela. Imaginei as duas em pé na cozinha, ao lado da prateleira de bugigangas com o prato que dizia “Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida”.



A sugestão de Doll era que comemorássemos gastando todo o dinheiro que nos restava em uma garrafa de *spumante* sentadas a uma mesa na Piazza dela Signoria. Minha amiga tinha mais dinheiro que eu, pois trabalhara meio período em um salão durante as aulas, e ansiava por outra mesa ao ar livre desde Veneza, onde tínhamos, inadvertidamente, gastado o orçamento de

um dia inteiro em um *cappuccino* na Piazza di San Marco. Aos 18 anos, Doll já tinha um gostinho pelo glamour. Mas eram apenas dez da manhã e eu ponderei que, mesmo que decidíssemos fazer isso, ainda teríamos muito tempo antes de nosso trem noturno para Calais e provavelmente ficaríamos com dor de cabeça até lá. Sou pragmática mesmo.

– Você que sabe – disse Doll, decepcionada. – A comemoração é sua.

Havia tantas coisas que eu queria ver: a Galleria degli Uffizi, o museu Bargello, o Duomo, o Battistero, a igreja de Santa Maria Novella...

– A maioria é igreja, não é?

Doll não ia se deixar enganar pelos nomes em italiano.

Nós duas tínhamos sido criadas no catolicismo, mas, naquele momento de nossas vidas, Doll via a igreja como algo que a impedia de ficar na cama até mais tarde no domingo e eu achava legal me identificar como agnóstica, apesar de ainda me pegar rezando com frequência. Para mim, as igrejas da Itália eram importantes não tanto pela religião, mas pela história. Para ser sincera, eu era pretensiosa, mas tinha todo o direito de ser, porque estava prestes a me tornar universitária.

Depois de deixarmos nossas mochilas no guarda-volumes da estação, fizemos o circuito rápido do Duomo, tiramos fotos uma da outra na frente das portas douradas do batistério e depois pegamos uma rua secundária em direção à basílica de Santa Croce, parando em uma pequena *gelateria* artesanal que tinha acabado de abrir. O sorvete matinal satisfez o desejo de guloseimas de Doll. Cada uma escolheu três sabores dos tubos cilíndricos montados atrás do balcão de vidro como um enorme estojo de tintas.

Optei por algo refrescante: tangerina, limão e laranja.

– Muito com cara de café da manhã – desdenhou Doll, deliciando-se com marsala, cereja e chocolate *fondant*, que ela descreveu como excitantes e a mantiveram de bom humor por uma hora diante dos murais de Giotto.

A parte divertida de apreciar arte com Doll era que ela sempre dizia coisas como: “Ele não era muito bom com pés, não é?”

Quando saímos da igreja, eu sabia que Doll tinha esgotado sua cota de cultura e, além disso, o calor do meio-dia estava insuportável, então sugeri que pegássemos um ônibus até a antiga comuna de Fiesole, sobre a qual eu tinha lido no guia para turistas. Foi um alívio sentar à janela, com o vento no rosto.

A praça principal de Fiesole pareceu extraordinariamente tranquila depois das ruas lotadas de Florença.

– Vamos pedir o menu turístico para comemorar – falei, decidida a gastar o restinho do dinheiro que estava guardando para alguma emergência.

Então nos sentamos no terraço do restaurante, com a vista de Florença ao longe, como se fosse o pano de fundo de uma pintura de Leonardo Da Vinci.

– Alguma atividade educacional planejada para esta tarde? – perguntou Doll, limpando os cantos da boca depois de devorar um prato de *spaghetti al pomodoro*.

– Tem o teatro romano – admiti. – Mas posso ir sozinha, sem problemas...

– Esses malditos romanos chegaram a todos os lugares, hein? – disse ela, mas se deu por satisfeita em me acompanhar.

Éramos as únicas pessoas ali. Doll ficou deitada tomando sol em uma fileira de degraus de pedra enquanto eu explorava o lugar. Ela se sentou e começou a bater palmas quando subi no palco. Fiz uma reverência.

– Diga alguma coisa! – gritou Doll.

– *Amanhã, amanhã e ainda outro amanhã!*

– Continue! – pediu ela, pegando a câmera.

– Não me lembro do resto!

Pulei do palco e subi os degraus íngremes.

– Quer que eu tire uma foto sua?

– Vamos tirar juntas.

Com a câmera posicionada três degraus acima, Doll concluiu que conseguiria enquadrar nós duas com as montanhas toscanas ao fundo.

– O que os italianos falam no lugar de “xis”? – perguntou ela, configurando a câmera antes de descer correndo e parar ao meu lado a tempo do clique.

No meu álbum de fotografias, parece que estamos mandando beijo para a câmera. O papel adesivo está todo amarelado agora e o plástico que encobre a foto está quebradiço, mas as cores – pedras brancas, céu azul, ciprestes preto-esverdeados – estão tão vivas quanto na minha lembrança.



Com grilos invisíveis papeando nas árvores ao nosso redor, esperamos pelo ônibus de volta para Florença em um silêncio incomum.

Doll enfim revelou em que estava pensando.

– Você acha que ainda vamos ser amigas?

– Como assim?

Fingi não entender o que ela estava perguntando.

– Quando você for para a universidade e conhecer pessoas que entendem de livros e história, essas coisas...

– Não seja boba – respondi, com confiança.

Mas já tinha passado pela minha cabeça o pensamento ameaçador de que, no ano seguinte, eu provavelmente estaria passando as férias com pessoas que iriam querer ver até uma pequena coleção de vasos gregos pintados em um museu, ou que iriam gostar de comparar as obras de Michelangelo e Donatello e das outras Tartarugas Ninjas (como Doll se referia a eles).

*Hoje é o primeiro dia do resto da sua vida.*

Sentia uma pontinha de animação e frio na barriga sempre que me pegava pensando no futuro.

De volta a Florença, nós nos desviamos um pouco do caminho para tomar outro sorvete. Doll mais uma vez não conseguiu resistir ao de chocolate, agora com melão, e eu escolhi pera, cujo gosto parecia a essência de uma centena de peras Williams perfeitamente maduras, e framboesa, tão intenso e doce quanto a lembrança de um verão na infância.

A Ponte Vecchio estava um pouco menos movimentada do que mais cedo, o que nos permitiu admirar as vitrines das pequenas joalherias. Quando Doll viu uma pulseira prateada bem mais barata que as outras peças, entramos na loja e nos esprememos lá dentro.

O proprietário ergueu a corrente delicada com réplicas em miniatura do Duomo, da Ponte Vecchio, de uma garrafa de Chianti e do Davi de Michelangelo.

– É para criança – disse ele.

– Que tal eu levar para Hope? – perguntou Doll, ansiosa por gastar o resto do dinheiro.

Enquanto o homem envolvia a pulseira em um lenço e a colocava em uma caixinha de papelão estampada com uma flor-de-lis dourada, nós provavelmente imaginamos que minha irmã a guardaria em um lugar seguro

e, de vez em quando, abríamos a caixa todas juntas e admiraríamos a pulseira com certa reverência, como se fosse uma relíquia preciosa.

Do lado de fora, a luz havia desaparecido dos prédios antigos e o barulho da cidade tinha amenizado. Na brisa agradável, acordes suaves de jazz ecoavam de um clarinete. No meio da ponte, esperamos abrir um espaço no meio da multidão para conseguir tirar fotos nossas com o céu dourado de fim de tarde ao fundo. Era estranho pensar que iríamos aparecer nas fotos de todas aquelas pessoas, decorando suas lareiras, de Tóquio ao Tennessee.

– O filme ainda dá para duas fotos – avisou Doll.

Enquanto examinava a multidão, meus olhos pararam em um rosto vagamente familiar, mas que só consegui identificar ao vê-lo franzir a testa, confuso, quando sorri para ele. Era o menino que eu tinha visto na San Miniato al Monte de manhã. Os últimos raios de sol projetavam uma tonalidade vermelha em seu cabelo e ele agora usava uma camisa polo cáqui e uma calça de algodão e estava parado ao lado de um casal de meia-idade que pareciam ser seus pais.

Entreguei a câmera a ele.

– Pode tirar uma foto nossa, por favor?

Sua expressão perplexa me fez questionar se ele teria entendido; então, com o rosto pálido e cheio de sardas vermelho de vergonha, ele respondeu:

– Mas é claro. – Com uma voz que minha mãe teria chamado de “bem articulada”. – Digam “xis”.

– *Ics!* – dissemos Doll e eu em uníssono.

Na foto, nossos olhos estão fechados, rindo da nossa boba pronúncia de “xis” em italiano.



Com uma cabine de quatro leitos só para nós, ficamos deitadas nas camas de baixo, dividindo uma garrafa de vinho tinto e revivendo as lembranças das férias enquanto o trem atravessava a noite. Para mim, a viagem eram paisagens e lugares.

– Você se lembra das flores nas escadarias da Piazza di Spagna?

– Flores?

– Você passou as férias comigo mesmo?

Para Doll, eram os homens.

– Você reparou na cara daquele garçom na Piazza Navona quando eu disse que gostava de peixes grandes?

Agora nós sabíamos que *pesce* também tinha outro significado – relacionado à anatomia masculina, digamos – em italiano.

– Melhor refeição? – perguntou Doll.

– *Prosciutto* e pêssegos na feira de rua em Bologna. E você?

– Aquele negócio que parecia uma pizza de anchova e cebola em Nice estava delicioso...

– *Pissaladière* – esclareci.

– Boca suja!

– Melhor dia?

– Capri – disse Doll. – E você?

– Acho que hoje.

– Melhor...?

Doll pegou no sono, mas eu não conseguia dormir. Sempre que fechava os olhos, me via no quartinho que eu tinha reservado na residência estudantil da universidade – o que, até então, eu não tinha permitido que minha imaginação fizesse –, colocando, toda animada, meus pertences nas prateleiras, arrumando a cama com meu edredom e colando meu novo pôster da *Primavera* de Botticelli que rolava delicadamente de um lado para outro no bagageiro acima de mim. Em qual andar eu ficaria? Será que eu veria a BT Tower por cima dos telhados, como naquele quarto que eles tinham nos mostrado no dia de visitação? Ou será que ficaria do lado da rua do prédio, com o topo dos ônibus vermelhos de dois andares passando sob a minha janela e o barulho repentino das sirenes da polícia que fariam parecer que eu estivesse em um filme?

O ar no vagão foi ficando mais frio à medida que o trem começou a subir os Alpes. Cobri Doll com a manta. Ela resmungou um agradecimento, mas não acordou, e eu fiquei feliz por ter um tempinho só para mim, só eu e meus planos, viajando de um estágio da minha vida para o próximo.

Devo ter pegado no sono nas primeiras horas da manhã. Acordei com o barulho do carrinho do café da manhã. Doll estava fitando com desânimo os pingos de chuva viscosos que perseguiam uns aos outros na janela à medida que o trem acelerava pelas planícies do norte da França.

– Eu não tinha imaginado este tempo – disse ela, entregando-me um copo plástico de café amargo e um croissant embrulhado em papel celofane.



Não é que eu estivesse esperando cartazes ou vizinhos rodeando a rua para me receber, mas enquanto eu caminhava pela Conifer Road depois de ter deixado Doll na frente da casa dela na Laburnum Drive, não pude evitar me sentir um pouquinho decepcionada por estar tudo exatamente igual. Nosso conjunto habitacional tinha sido construído no fim dos anos 1960. Provavelmente era o auge da modernidade na época, com casas retangulares metade de tijolinho claro à vista e metade de reboco branco, e gramados comunitários em vez de jardins. Todas as ruas tinham nomes de árvores, mas, com exceção de algumas cerejeiras espigadas que estavam florescendo, ninguém tinha se dado ao trabalho de plantar alguma. Havia casas que tinham uma varanda envidraçada na frente ou um jardim de inverno no corredor do andar de baixo, mas essas também pareciam pequenas caixas umas ao lado das outras. Depois de um mês longe, tinha ficado evidente para mim que eu tinha crescido demais para aquele lugar.

Minha mãe não sabia o dia exato do meu retorno, mas mesmo assim fiquei levemente surpresa por ela e Hope não estarem na janela ou mesmo sentadas no quintal da frente me esperando. A noite estava linda. Talvez minha mãe tivesse enchido a piscina inflável... Talvez estivesse barulhento lá dentro e elas não ouviram a campainha...

Por fim, uma figura pequena e familiar apareceu do outro lado do vidro jateado.

– Quem é? – perguntou Hope.

– Sou eu!

– Sou eu! – gritou ela de volta.

Nunca ficava claro se Hope estava brincando ou sendo pedante.

– É a Teca! – digo. – Por favor, Hope, abra a porta!

– É a Teca!

Eu sabia que minha mãe estava respondendo de algum lugar dentro da casa, mas não conseguia ouvir o que ela dizia.

Hope se ajoelhou para falar pela abertura da caixa do correio na parte de baixo da porta.

– Pego cadeira na cozinha.

– Use a do corredor – instruí pela abertura.

– Mamãe falou da cozinha!

– Está bem, está bem...

Por que minha mãe não veio logo? Fiquei subitamente exaurida e irritada.

Por fim, Hope conseguiu abrir a porta.

– Cadê a mamãe? – perguntei.

A casa estava levemente fria do lado de dentro e não havia o cheiro agradável de comida no ar.

– Está levantando – disse Hope.

– Ela não está bem?

– Só cansada.

– Papai ainda não chegou?

– Bar, acho – respondeu Hope.

Quando eu tirava a mochila das costas, minha mãe apareceu no topo da escada, mas, em vez de descer correndo, entusiasmada por me ver, ela percorreu os degraus bem devagar, apoiando-se no corrimão. Supus que fosse por causa dos chinelos que estava usando por baixo da calça esportiva rosa desbotada. Ela parecia distante, quase irritada, e não me olhou nos olhos enquanto enchia uma chaleira na pia.

Olhei para o relógio. Eram mais de oito horas. Tinha esquecido que anoi-tecia mais tarde na Inglaterra. Comecei a pensar que deveria ter procurado um orelhão e ligado para casa assim que saí do *ferry boat*, mas o fato de eu não ter feito isso não me parecia algo tão grave assim para minha mãe não falar comigo.

Reparei que o cabelo dela estava despenteado. Ela estava deitada quando cheguei. Só cansada, era o que Hope dissera. Tinha passado quatro semanas se virando sozinha.

– Posso fazer isso – ofereci, pegando a chaleira.

Percebi o primeiro sinal de alerta quando vi a quantidade de canecas sujas na pia da cozinha. Minha mãe deveria estar mesmo exausta, porque ela sempre mantinha a casa impecável.

– Cadê meu pai? – perguntei.

– Deve estar no bar – disse ela.

– Por que você não volta lá para cima e eu levo um chá para você?

Para minha surpresa, porque nada nunca dava muito trabalho para minha mãe, ela respondeu:

– Está bem. – E depois completou, como se tivesse acabado de lembrar que eu tinha viajado: – Como foram as férias?

– Ótimas! Foram ótimas!

Meu rosto doeu por ter sorrido para ela e não ter recebido nada em troca.

– E a viagem?

– Foi boa!

Ela já estava subindo a escada de volta.

Quando levei o chá lá para cima, a porta do quarto dos meus pais estava aberta e vi de relance o reflexo da minha mãe no espelho da penteadeira antes de entrar. Sabe quando você vê as pessoas de um jeito diferente no momento em que elas não sabem que você as está observando? Ela estava deitada com os olhos fechados, como se sua essência vital tivesse sido sugada, deixando-a sem nada por dentro, como uma sombra dela mesma. Fiquei olhando para ela por alguns segundos e de repente ela notou que eu estava parada ali.

Os olhos dela, brilhando de ansiedade, se fixaram nos meus, como se dizendo *Não pergunte na frente da Hope*. Então, quando viu que eu estava sozinha, eles se fecharam outra vez, aliviados.

– Vou ajudá-la a se sentar – falei.

Ela se apoiou em mim enquanto eu afofava os travesseiros atrás dela. Seu corpo pareceu leve e frágil. Meia hora antes, eu estava subindo pela Crescent, odiando como tudo era familiar e comum. Agora tudo se movia ao meu redor como um terremoto e eu queria desesperadamente que as coisas voltassem ao normal.

– Estou mal, Tess – disse ela, em resposta à pergunta que eu tive tanto medo de fazer.

Esprei que ela completasse dizendo: “Mas está tudo bem, porque...” Mas ela não disse.

– Mal como? – perguntei, tonta de pânico.

Minha mãe tinha sido diagnosticada com câncer de mama quando estava grávida da Hope. Ela não fez quimioterapia até Hope nascer, mas tinha se

recuperado. Era obrigada a fazer check-ups regularmente, e o último, apenas alguns meses atrás, tinha dado normal.

– Estou com câncer nos ovários e avançou para o fígado – disse ela. – Devia ter ido ao médico antes, mas achei que fosse só uma indigestão.

Lá embaixo, Hope cantarolava uma música familiar, mas eu não consegui distinguir qual era.

Meu cérebro tentava se lembrar da minha mãe antes de eu viajar. Um pouco cansada, talvez, e preocupada, mas eu achava que era por causa das minhas provas. Ela sempre esteve ao meu lado: na cozinha na hora do café da manhã, fazendo Hope ficar quieta enquanto eu revia rapidamente minhas anotações e, quando eu voltava para casa, sempre com uma caneca de chá e pronta para me ouvir se eu quisesse conversar, ou, se não quisesse, ela só ficava por perto, lavando a louça ou picando legumes, uma presença silenciosa de incentivo.

Como eu pude ter sido tão egoísta a ponto de não perceber? Como pude ter sequer tirado férias?

– Não havia nada que você pudesse fazer – disse minha mãe, lendo meus pensamentos.

– Mas no seu último exame estava tudo bem!

– No exame das mamas.

– E eles não examinaram o restante?

Minha mãe colocou um dedo nos lábios.

Hope estava subindo. A cantiga era *Atirei o pau no gato*, só que ela estava cantando *Atirei o pau no rato*.

– Dona Chica-ca admirou-se-se...

Nós nos forçamos a sorrir quando ela entrou no quarto.

– Tô com fome – disse ela.

– Certo. – Pulei da cama. – Vou fazer um lanche para você.

Se eu precisava de mais alguma evidência de quanto as coisas estavam ruins, foi a geladeira vazia. Embora nossa família não tivesse muito dinheiro, nunca faltou comida. De repente fiquei com raiva do meu pai. Lá em casa, a divisão das tarefas era bem tradicional: meu pai era o provedor do lar e minha mãe, a dona de casa. Mas será que ele não poderia ter se mexido, dadas as circunstâncias? Eu o imaginei no bar afogando as mágoas, enquanto os amigos pagavam cerveja para ele. Meu pai estava sempre choramingando com relação ao que o destino tinha reservado para ele.

Encontrei um pacote de macarrão instantâneo no armário e coloquei uma fatia de pão na torradeira.

Hope estava olhando para mim, mas minha mente estava tão atordoada, tentando assimilar tudo, que eu não conseguia pensar em nada para dizer a ela.

O macarrão começou a ferver no fogão.

Misturei o tempero e despejei-o em cima de uma torrada, lembrando o prato de massa perfeitamente *al dente* que tínhamos comido em Fiesole um dia antes, com o sabor de mil tomates em uma só colherada e Florença ao longe, como uma pintura de Leonardo. Tão distante agora, aquilo parecia ter sido em outra vida.



O dicionário confirmou que a palavra “plangente” significa lamentoso e lastimoso. Vem do latim *plangere*: bater no peito em sinal de luto.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

*Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio,*  
de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique  
comigo e Seis anos depois,* de Harlan Coben

*A cabana e A travessia,* de William P. Young

*A farsa, A vingança e A traição,* de Christopher Reich

*Água para elefantes,* de Sara Gruen

*Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios,  
Ponto de impacto e Fortaleza digital,* de Dan Brown

*Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião,  
Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista,  
O resgate e O milagre,* de Nicholas Sparks

*Julieta,* de Anne Fortier

*As regras da sedução e Lições do desejo,* de Madeline Hunter

*O guardião de memórias,* de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo;  
A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos  
peixes!; Praticamente inofensiva; O salmão da dúvida e Agência  
de investigações holísticas Dirk Gently,* de Douglas Adams

*O nome do vento e O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

*A passagem e Os Doze,* de Justin Cronin

*A revolta de Atlas e A nascente,* de Ayn Rand

*A conspiração franciscana,* de John Sack

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)